



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhao Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwabach; F. Caldeira; F. Pato; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsarar; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Santilhana;—*O exercito por uquez*, por Alberto Telles;—*A expedição franceza do Tejo*, por Pinheiro Chagas;—*Os crimes elegantes*, romance, (continuação), por Gervasio Lobato;—*Typos lisbonenss*, por D. Guiomar Torrezão;—*Poemas em prosa*, (continuação), por Eugenio de Castro;—*Pensamentos e aphorismos*;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A filha do pescador*, conto, por José Maria da Costa.
GRAVURAS:—*Daniel Wilson*;—*Julio Grévy*;—*Scenas andaluzas: A lição de dança*;—*Modas*;—*Egreja da Trindade, no Porto*.

CHRONICA

Frio, frio, muito frio!...

Não pensem que estou jogando infantilmente o *chicote-queimado*. Retiro-me ao frio atmosferico, um frio de mil demonios, desapiedado e cortante, que me enrubece a epiderme, gretando-a, e que me rouba toda a vontade de fazer a *Chronica*, se é que eu alguma vez posso ter vontade de fazel-a, eu, que a detesto.

o entanto,—coisa estranha!—a despeito da frieza que me está paralyndo as mãos, conservo aberta de par em par, como em dias rubros d'agosto, a minha feiteira janellita, que deita sobre o telhado, mais perto das nuvens que dos homens, mais proxima do ceu que do inferno.

E' uma janella pequenina e quasi quadrada, vulgarissima quanto á forma, sem bambinellas nem stores, vazia de flores e de trepadeiras, banal e insignificante, encimada por um docel de telhas pintadas de verde escuro. O horisonte que d'ali se descortina, é limitadissi-



DANIEL WILSON

mo como a camara d'um stereoscopo. Nem se divisa o rio coalhado de vélas brancas, nem se descobre o arvoredo copado dos campos, nem se apercebe o movimento irrequieto da população que revoltea na sua faina de

todos os dias. Na primavera, as andorinhas veem, em correrias doidas e em zig-zags caprichosos, roçar pelos vidros as suas azas pretas. No inverno, a dois palmos de distancia, os gatos noivam estridulamente, rebolando-se em convulsões de bestial lascivia pelo aspero declive do telhado verde-negro. De longe em longe, alguma pomba mansa, de pombaes proximos, passa ao alcance da mão, cortando rapidamente o espaço como um pequenino bloco de neve.

E comtudo, eu adoro aquella janellita, e conservo-a sempre aberta de par em par, quando o frio me enregela os ossos, ou quando a chuva, impellida pelo nordeste rijo, vem, irreverentemente, salpicar-me, sobre a meza de trabalho, a papelada revolta e as brochuras dispersas.

Porque é que eu lhe tenho tanto amor, porque?

E' uma pequenina historia innocente.

Ha tempo, ha muito tempo já, descobri d'ali uns olhos negros, rasgados e dulcissimos, que me espreitavam cheios de curiosidade. Eram os olhos d'uma creança.

Nunca vira olhar assim. N'aquellas suaves miradas havia um mundo de caricias estranhas, um manancial inexgotavel de sorrisos bons e angelicos. A minha velhice tristonha enamorou-se da primavera jubilosa d'aquelle meigo olhar intelligente e doce.

Afeiçoei-me á creança gentil, que assim vinha amenisar a aridez dos meus dias desfloridos e monotonos. Habituei-me a vel-a e a olhal-a. Queria-lhe como se pode querer á filha dilecta do nosso primeiro amor. Comecei a segui-la de longe, em todos os seus movimentos, em todos os seus brinquedos, encantando-me com os primores da sua educação de princeza, enlevando-me na sua carnação branca e rosada de pequenina santa ideal.

Um dia, os stores da sua janella não se levantaram. Tive um presentimento doloroso.

N'esse dia, fui brutal e insociavel para com toda a gente. Faltava-me o olhar d'aquella creança, faltava-me tudo. A alma chorou-me de pena e de saudade, e as lagrimas affluiram-me do coração aos olhos, em borbotões.

No dia seguinte, a mesma tristeza, o mesmo isolamento. A pequenina fada de olhar luminoso e doce, cairá fulminada pela febre, uma febre medonha, que a teve a dois passos da morte.

Assim se passaram tempos n'esta angustia esmagadora, tempos longos, infinitos, enormes como a amargura da minha saudade, até que ha pouco, n'uma fria manhã de novembro, a querida doente voltou a olhar-me de novo com os seus olhitos encovados e meigos, e eu pude ver a sua mãozinha afilada e branca de neve dizer-me adeus, ao mesmo tempo que um sorriso crystallino dos seus labios descoloridos me dizia: — aqui estou, abre a tua janellita, repara como eu soffri, como ia quasi morrendo!...

E desde essa manhã, em que a luz do seu bemdito olhar se infiltrou novamente na minha alma, nunca mais deixei de vir colher aquella adeus muito suave e muito meigo, com que a primavera da sua innocencia cheia d'aromas castissimos acaricia de longe os meus cabellos brancos.

E ahi está porque eu, quer o nordeste me açoite as faces, ou os aguaceiros vonham perlar, sobre a banca de trabalho, os meus papeis velhos e revoltos, não deixo nunca de ter aberta de par em par a pobre janellita feitiçeira, que me encanta, e d'onde todos os dias vejo brilhar duas auroras luminosas nos olhos d'aquella creança adoravel e boa.

Uma historia innocente e simples, como veem. Não é talvez de molde a entrar nos dominios da chronica,

mas occupa os dominios mais intimos da minha alma. Quem não a quizer ler, não a leia. Não obrigo ninguém.

Foi a proposito do frio, que eu a contei, preferindo isso a fallar das cartas do sr. marquez de Fronteira e do sr. Lisboa Pinto, dos eternos pugilatos em S. Carlos, da estreia da Maria Julianna no theatro da Alegria, onde nunca fui nem espero ir, e das obras do porto, em que não quero atolar-me. Antes, mil vezes, morrer gelado, que dar com os ossos n'aquelle chavascal, n'aquelle esterquilinio immundo.

Mas, como diziamos: faz um frio de rachar. Não impede isso, porém, que os dias se conservem formosissimos e enxutos, e que lhes succedam noites claras e luminosas, mesmo luminosas de mais, coisa que eu detesto. Se assim continúa, teremos no proximo Natal uma verdadeira primavera, que compensará da falta do verão de S. Martinho os frequentadores da Avenida, almas sedentas de sol e de luar.

Um tempo delicioso para a exhibição das *toilettes* de inverno e para as expansões patrioticas do 1.º de dezembro, por musica. O abaixamento da temperatura desafia ás libações, e eu não conheço nada mais do molde a excitar o patriotismo das phylarmonicas indigenas que o Falerno.

Um trombone soprado por beijos que esvasiaram pouco antes uma garrafa de Cognac, solta fás, rés e dós capazes de fazerem tremer a Hespanha nos seus fundamentos.

O hymno da Restauração, esse fructo lyrico do nosso amor da patria, seria um fructo semsabor, uma especie de pera sorvada, se não irrompesse dos figles e dos clarinetes saturado d'alcool.

Pensam acaso que João Pinto Ribeiro, Antão d'Almada, D. Miguel d'Almeida, Pedro de Mendonça, Jorge de Mello, Antonio de Saldanha, Marianno de Lencastre, Filippa de Vilhena e tantos outros varões e donas, restauraram unidos a independencia da patria, sem darem primeiramente um assalto á frasqueira? Pois se o pensam, estão enganados.

A propria Filippa de Vilhena, com ser mulher e senhora e de elevada estirpe, antes de armar os filhos cavalleiros, perante o altar, á face de Christo, em nome do patriotismo do nosso povo, molhou a palavra. Não se faz aquillo a sangue-frio, em pleno inverno, sem uma pontinha d'embriaguez produzida por meia duzia de calices de genebra.

Os rasgos de patriotismo a que a historia allude, e que reconquistaram a corôa, de estranhos profanada, para com ella cingir a cabeça de D. João IV, praticaram-se, por força, depois d'uma lauta ceia, ou então, toda aquella gente estava como hoje querem que est ja o alferes Marinho da Cruz; estavam todos larvados, elles e ellas.

Sem nos remontarmos a epocas tão longinquoas, vejamos o que succede modernamente em França, para onde estão voltadas as atenções do mundo inteiro. Um bello dia, os radicaes, furiosos, deitam com o ministerio em terra. Do palacio Bourbon vão ao Elyseu, e intimam o sr. Grévy a que se demitta. O sr. Grévy põe os pés á parede e responde que não quer. Passa-se uma semana, os mesmos radicaes pedem pelo amor de Deus ao presidente que fique, e o presidente diz-lhes: — pois agora é que eu me vou.—E foi-se!

Tudo isto o que representa senão os effeitos do Champagne!

Podera! Pois se faz tanto frio!...

O EXERCITO PORTUGUEZ

De França nos veio, ha' poucos dias, com esse titulo, um pequeno livro, cujo auctor é M. Garçon, de quem não sabemos outras particularidades. Pertence o livrinho á PETITE BIBLIOTHÈQUE DE L'ARMÉE FRANÇAISE. Não ficaram grandemente servidos com esta obra os actuaes representantes dos antigos bravos da Gironde e do Mosella. E nós, ainda menos.

Porém, como se tracta do nosso paiz, e se escreve da sua historia civil, politica e militar, n'uma lingua considerada universal, justo é que não deixemos correr á revelia algumas apreciações menos exactas.

No breve prefacio do livro diz M. Garçon que Portugal, hoje restabelecido do profundo abatimento, em que o conservou por largo tempo a tutela da Inglaterra, tende, cada vez mais, a retomar o lugar que outr'ora occupou no congresso das nações;—que este reino, fundado por um francez, não esqueceu a sua origem nobilissima, pois que é manifesta a evolução a favor da França, como se mostra do crescente desenvolvimento das relações commerciaes e industriaes entre os dois paizes. A este proposito allude ás grandes obras emprehendidas e realisadas em Portugal por engenheiros francezes, e, cita o nome de M. Eiffel, parecendo ignorar a concessão feita a M. Hersent para as obras do porto de Lisboa. Tambem diz que é muito presada entre nós a litteratura franceza e que são ainda francezas as modas preferidas pelas damas de Lisboa e das cidades principaes do reino. Isto, em geral.

Em especial, o auctor propõe-se fazer ver aos seus leitores o despertar do espirito bellico em Portugal e a boa organização actual do nosso exercito. Em sua opinião, a marinha vai tambem augmentando todos os dias. Estes factos, realmente importantes, dão logar a sisudas reflexões, e ahi vai o que M. Garçon reflecte:

«Pensamos que uma nação, a qual, em caso de necessidade, poderia dispôr de uma marinha excellente e de um exercito bravo e disciplinado, em numero superior a 125:000 homens, é uma d'aquellas com as quaes devemos manter relações de amizade, quando a não possamos contar entre os nossos alliados.»

E d'ahi promana directamente o assumpto do livro—dar conta do estado actual; e como é absolutamente necessario conhecer o paiz e a sua historia, para que, instruidos com a licção do passado, todos possam julgar melhor o presente, e prever o futuro reservado a Portugal e ao seu exercito. M. Garçon antecede naturalmente de uma summaria descripção geographica e de uma noticia historica do reino a relação do estado presente do exercito portuguez.

I

Muito haveria que dizer sobre o capitulo primeiro, que se intitula *Portugal e os portuguezes*. Limitemo-nos, porém, ao retrato d'estes, ao movimento do commercio e á administração das finanças.

«O portuguez—diz M. Garçon—é de estatura mediana. Alto, pouco pensador, mas poeta, tem a imaginação muito viva.—E porque muitos judeus, depois da sua expulsão da Hespanha, se refugiaram em Portugal, reconhece-se nos habitantes dos campos o sangue dos semitas da Judea.—Tez côr de azeitona, sobrolhos negros, como se foram riscados com tinta, e cabellos lizos, da pretidão do corvo, eis o typo dominante entre os homens. Quanto ás mulheres, muitas ha dotadas de rara belleza.»

A respeito do movimento do commercio em Portugal é que M. Garçon está muito enganado. Pois não nos diz que em 1884 a importação foi só de 35:378\$000 réis e a exportação de 21:864\$000 réis?!

A administração financeira de Portugal é mui severamente apreciada por este escriptor. N'essa parte, tem elle carradas de razão; e vale a pena traduzir as suas proprias expressões:

«Como os importos são multiplos, e parece que não podem ser augmentados, o paiz viu-se na necessidade de velar, de um modo especial, pela boa administração das suas finanças.»

Em abono da sua opinião, M. Garçon menciona a importancia da divida interna e externa, com relação ao anno de 1884, porém, as tabellas seguintes ainda são mais eloquentes do que esses numeros:

QUOTA ANNUAL, POR HABITANTE, PARA OS ENCARGOS DA DIVIDA PUBLICA

Portugal.....	3\$65	réis
Italia.....	3\$238	»
Hollanda.....	2\$997	»
Inglaterra.....	2\$769	»
Belgica.....	2\$660	»
Hespanha.....	2\$481	»
Prussia.....	2\$147	»
Baviera.....	2\$032	»
Austria-Hungria.....	1\$637	»
Dinamarca.....	1\$170	»

Estados Unidos.....	90\$	réis
Noruega.....	624	»
Suecia.....	549	»
Suissa.....	418	»

PERCENTAGEM DAS RECEITAS GERAES ABSORVIDAS PELA DIVIDA PUBLICA

Portugal.....	55 %
França.....	40 %
Italia.....	31 %
Belgica.....	31 %
Hollanda.....	26 %
Hespanha.....	25 %
Inglaterra.....	21 %
Baviera.....	20 %
Dinamarca.....	19 %
Suissa.....	14 %
Prussia.....	12 %
Suecia.....	12 %
Noruega.....	11 %

A *Historia de Portugal* fórma o assumpto do capitulo segundo. Ora, a historia de Portugal, contada por M. Garçon, é realmente uma cousa de véras engraçada.

Deixando em paz os tempos primitivos dos celtiberos, phenicios e carthaginezes, da dominação romana, dos alanos, vandalos, suevos, visigodos e mouros, e ainda os limites da antiga Lusitania, venhamos á epocha gloriosa da fundação da monarchia. Aqui, muito se desvanece M. Garçon de que fosse um francez, Henrique da Borgonha, descendente de Hugo Capeto, e posteriormente o *Comes Portucalensis*, quem na conquista da Lusitania ajudasse o rei Affonso VI, que, doando-lhe os paizes conquistados, lhe deu ao mesmo tempo a mão de sua filha «Dona Thereza ou Cereja». Esta *Dona Cereja* (em vez de Tareja) diverte muito a gente!

Todos sabem que, por morte do conde D. Henrique, seu filho, Affonso Henriques, foi constrangido a pegar em armas contra sua mãe, para ser reconhecido, como soberano. Vencedor n'essa contenda, e em muitas outras, e desbaratados em Ourique os cinco reis mouros,

Cinco reis mouros são os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:

Affonso foi logo aclamado rei, e diz M. Garçon que esse facto foi confirmado pelo Papa e pelas côrtes de Lamojo em 1143. *Lamojo* por *Lamego* (á parte o erro historico) tambem tem graça!

Da dynastia de Aviz ha que notar, entre outras cousas, «D. João I, denominado *o forte lidador em obra de batalha*» e quanto á de Bragança nada pode haver mais curioso que ser representado o sr. D. Luiz I, como um segundo D. João V, pai de muitos filhos.—«Casado com a rainha D. Maria Pia, filha de Victor Manuel, rei da Italia—diz o auctor—*o monarcha portuguez teve muitos filhos*, dos quaes o mais velho, que é duque de Bragança, casou ha pouco tempo com a princeza Amelia de Orléans, filha do conde de Paris.» Na mesma pagina (46) M. Garçon diz outra cousa muito diferente:—«Do seu casamento com a rainha, Dona Pia el-rei teve dois filhos: o duque de Bragança, nascido a 28 de setembro de 1863, e o duque do Porto, a 31 de julho de 1865.» *Et voilà comme on écrit l'histoire!*

Ahi diz tambem o mesmo auctor, sob a epigraphe *Constitution du Portugal*, que a nossa lei fundamental é a Carta de leys, que elle, para maior clareza, traduz, em parenthesis, *Charte des lois*. E' simplesmente assombroso!

Os restantes seis capitulos tratam especialmente das nossas instituições militares, e da marinha e ultramar.

II

Primeiro vem o ministerio da guerra, com a direcção geral e todas as suas repartições, o estado maior e as escolas militares, a saber—o collegio militar, a eschola polytechnica e a eschola do exercito—com o numero de officiaes, as regras da promoção, o armamento e os uniformes e distinctivos das patentes.

Depois, a organização do exercito effectivo, com alguns apontamentos historicos sobre os diferentes corpos de que elle consta. A infantaria, especialmente, mereceu os louvores do M. Garçon, que se exprime d'este modo:

«A infantaria mostrou uma certa firmeza durante a guerra da Peninsula, em que operou como auxiliar do exercito inglez.—Wellington tinha grandes esperanças nas tropas hespanholas; mas depressa perdeu essa illusão e foi obrigado a reconhecer que a infantaria portugueza tinha muito mais solidez e vigor do que elle pensava.—Dizia Wellington que o soldado portuguez era o gallo de combate da Peninsula; e nas acções militares collocava sempre a infantaria portugueza logo depois da ingleza.»

A legislação sobre o recrutamento, que ainda não comprehende a lei d'este anno, e os quadros da infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia, com todas as informações respectivas, o effectivo da paz e da guerra, os uniformes e até os vencimentos dos officiaes, enchem muitas paginas que são lidas com interesse e curiosidade.

Este livrinho encerra também muitos esclarecimentos sobre a companhia de torpedeiros, os serviços sanitarios, o tribunal de justiça militar, as forças da segunda linha, as divisões militares de territorio, as praças de guerra do continente e das ilhas adjacentes, as fortificações de Lisboa e a defeza do paiz.

N'elle se encontra ainda a descripção das armas reaes e da bandeira portugueza, e uma breve noticia acerca das pensões, e das ordens militares de Christo, Aviz, Sant'Iago e Conceição, e da medalha militar.

A nossa marinha de guerra tem capitulo separado, com uma nota dos vasos de guerra, movidos por vapor e á véla, e o livro termina por um quadro das nossas colonias, que está mal feito, o que não deve causar estranheza, e, a bem dizer, não merece censura, quando vemos que o nosso Teixeira de Vasconcellos, fazendo também a relação das nossas colonias (*Les contemporains portugais, espagnols e brésiliens*, pg. 40), esqueceu de mencionar a provincia de Moçambique e todas as suas extensas dependencias no Oceano Indico.

ALBERTO TELLES.

A EXPEDIÇÃO FRANCEZA DO TEJO

I

Se algum interesse podem ter os artigos que com toda a regularidade temos publicado na *Illustração* é de certo o de constituir elementos importantes, parece-nos, para a historia portugueza. Extrahindo de monographias novas como a *Ilha Graciosa* e as *Noticias de Penella* o que ellas podem ter de importante e de curioso para a historia nacional, procurando nos livros e nos periodicos estrangeiros as informações que possam interessar-nos, temos procurado pela nossa parte fazer a collecção da *Illustração Portugueza* digna de ser consultada por todos aquelles que se interessam pela historia patria, certos de que sempre aqui encontrarão algumas especies novas.

O ultimo numero da *Revista dos dois Mundos* publica um artigo do almirante Jurien de la Gravière, cujo titulo chamou immediatamente a nossa attenção. Denomina se elle a *Expedição do Tejo*. Os estudos marítimos de Jurien de la Gravière são interessantissimos. O velho almirante, que não interrompe um instante o seu trabalho, conserva um vigor de espirito verdadeiramente notavel; a sua penna é de uma fecundidade maravilhosa. Agora está elle ao mesmo tempo publicando livros successivos sobre as marinhas dos seculos XVI e XVII, sobre os *Cavalleiras de Malta*, a *Batalha de Lepanto*, e os *Dorias*, na *Revista dos dois Mundos*, consagrando uma serie de artigos aos marinheiros francezes do tempo do Imperio. Os *cinco combates da Sémillante* e os *Heroes do Grand-Port* são artigos excellentes em que Jurien de la Gravière desenha as figuras epicas dos capitães Motard e Bouvet. Entre os seus subordinados apparecia já o joven official Roussin a cuja memoria Jurien de la Gravière parece consagrar um grande affecto.

Continuando na serie dos seus estudos, acaba de narrar o audacioso feito marítimo de Roussin, que no tempo de D. Miguel forçou a entrada do Tejo e obrigou o governo portuguez a pagar uma forte indemnisação á França e a ceder-lhe a sua esquadra.

E' muito curioso e muito instructivo estudarmos debaixo do ponto de vista francez, e segundo o testemunho do proprio Roussin, essa expedição tão fatal para o brio portuguez. Bem sabemos que Roussin já contára a sua expedição n'um folheto conhecido, mas agora vamos ouvir as suas confidencias, ler as suas cartas intimas, o seu diario de bordo, conhecer mais de perto os seus subordinados, e ver que, se o governo de D. Miguel tivesse um pouco de energia, e de bom senso e de conhecimento das coisas navaes, a expedição de Roussin teria sido para a França um verdadeiro e terrivel desastre. A interessante narrativa de Jurien de la Gravière vai-nos mostrar as angustias que dilaceram a alma do intrepido contra-almirante que veio ganhar aqui as suas dragonas de vice-almirante e os arminhos de par do reino. Foram taes as suas angustias que, apenas saio do Tejo, levando consigo as prezas portuguezas, caio gravemente enfermo. *On l'eût i été à moins*, observa Jurien de la Gravière. Vamos ver effectivamente por esta curiosa narrativa, que, emquanto em Lisboa se tremia de medo da esquadra franceza, o almirante Roussin via com desespero a probabilidade de lhe falhar tudo e de ser obrigado a retirar vergonhosamente para França.

Posto que não tenha que referir-se senão muito rapidamente ás coisas portuguezas e que por isso não seja grande o seu merecimento em ter commettido poucos erros, é certo effectivamente

que só commetteu alguns e de pouco valor, alguns d'elles até meos lapsos, como o de suppôr, por exemplo, que foi em 1806 que se realisou a invasão de Junot, effectuada, como é sabido, em 1807. Também Jurien de la Gravière conhece, como marinheiro, um pouco Portugal e sobretudo o Brazil. N'este estudo conta elle que seu pae, que também foi almirante, conhecera D. João VI no Brazil, e que o rei de Portugal lhe dissera tristemente no Rio de Janeiroahi por 1820:

«O mundo está bem doente.» Pobre D. João VII

Está-se a ver o homem n'esta phrase desconsolada. Jurien de la Gravière desenha-lhe em traços rapidos, mas com acerto, a physionomia. Só em que não tem razão é em dizer que D. João VI veiu do Brazil expulso por uma revolução.

A revolução que então houve, se o sr. Jurien de la Gravière quer dar esse nome ao motim da Praça do Commercio, teve exactamente entre os seus intuitos o de impedir D. João VI de sair do Brazil.

São conhecidos os factos que deram origem á intervenção franceza. O governo de D. Miguel entendeu que devia tratar os francezes como tratava os seus proprios subditos, e tratou com uma crueldade inaudita dois subditos de Luiz Philippe, Claudio Saunet e Edmundo Bonhomme.

Debalde o consul francez em Lisboa protestou, e pediu reparação. Julgando que podia contar com o apoio da Inglaterra, o governo de D. Miguel não fez caso. Era isto para o governo de Luiz Philippe uma questão de vida ou de morte. Nova, acolhida pelos governos já estabelecidos com uma certa hostilidade, a monarchia dos Orléans precisava de mostrar que a França estava diminuida não no seu regimen, mas em autoridade e em força. Por isso entendeu que devia reagir energicamente contra o insulto.

Julgando que bastaria uma simples demonstração naval para que o governo de D. Miguel se rendesse, o governo francez mandou bloquear o Tejo por uma esquadilha composta da fragata *Melpomene* e de algumas corvetas, debaixo do commando de um dos mais brilhantes officiaes da marinha franceza, o capitão de fragata de Rabaudy. Este official pertencera á guarnição da famosa *Sémillante*, e distinguira-se nas campanhas que essa fragata fizera nos mares da India, tanto que, sendo apenas aspirante de 1.ª classe, foi encarregado pelo commandante da *Sémillante* de levar á ilha de França o navio inglez de commercio, *La Cécilia*, que a *Sémillante* aprezara.

O bloqueio deu em resultado algumas presas, mas foi completamente infructifero com relação ao fim que a França tinha em vista. Vio-se que era necessario mais algum esforço. Resolveu-se então mandar uma esquadra a Lisboa, esquadra cujo commando se deu ao contra-almirante Roussin. Designava-o para esta escolha o modo habil como elle procedera n'uma expedição semelhante ao Rio de Janeiro. A França—ainda a França da Restauração—desaviara-se com o novo imperio do Brazil por uma questão de presas feitas nas aguas de Montevideo. Encarregado de pedir explicações ao governo do imperador D. Pedro I, Roussin dirigiu-se ao Rio de Janeiro, a bordo de uma nau de linha, a *João-Bart* e á frente de uma esquadra composta d'essa nau, quatro fragatas, duas corvetas e dois brigues-avisos. Chegando ao Rio de Janeiro no dia 5 de julho de 1828, Roussin entrou immediatamente sem dar um tiro, e tanto de surpresa que estava fondeado diante da cidade quando ainda os artilheiros dos fortes da entrada corriam ás suas peças, de murrões accesos. Assim que fondeou, sem esperar um minuto, pediu uma audiencia ao imperador D. Pedro. Este, intelligente e resolute, medindo de prompto as consequências do procedimento que devia ter, percebeu que, cedendo immediatamente sem hesitações, cedia de *bonne grâce*, como os seus adversarios diriam, e mal se podia dizer que cedera a uma pressão qualquer. Se hesitasse, encontrava já a esquadra franceza dentro do porto, em boas condições para lhe dictar a lei. Aceitou immediatamente a proposta para se entrar em negociações, e o conflicto resolveu-se quasi sem se poder dizer que o houvera. Andou acertadamente o imperador, mas Roussin, que era já contra-almirante e barão, e que recebeu, pelo modo como se portara, as honras de camarista de Carlos X, ganhou alli não a reputação de brilhante official, que essa já a tinha desde o tempo do imperio, mas a reputação de homem resolute e habil diplomata. O seu nome fôra por conseguinte naturalmente indicado á escolha do ministro.

«O negocio de que se trata, dizia o general Horacio Sebastiani, ministro dos negocios estrangeiros ao ministro da marinha conde d'Argout, é exclusivamente francez. Por conseguinte o commandante das forças navaes deve abster-se com o maior cuidado de envolver com elle qualquer questão relativa á situação interna de Portugal. Deve conservar-se completamente estranho a qualquer intriga directa ou indirecta contra o governo d'este paiz.» Se havia outros almirantes capazes de manobrar excelentemente com uma esquadra franceza, não havia outro que podesse manobrar como Roussin no campo da politica.

Foi no principio de maio de 1831 que se expediu a ordem para se organisarem rapidamente duas esquadras, uma em Brest, outra em Toulon, ficando esta debaixo do commando do contra-almirante Hugon, a outra debaixo do commando do contra-almirante Roussin, a quem era confiado, como dissemos, o commando



JULIO GRÉVY

supremo. Arvoraria o seu pavilhão a bordo da *Suffren*, nau de linha de 90 canhões, construída segundo um modelo novo pelo engenheiro Leroux. E' claro que a estas duas esquadras se juntaria a flotilha que já bloquejava a foz do Tejo. Roussin estava em Brest, na sua qualidade de prefeito marítimo d'essa circumscrição naval, e portanto, assim que recebeu a ordem, não teve mais que embarcar no dia 8 de julho a bordo da *Suffren*, quando esta nau chegou de Cherburgo.

PINHEIRO CHAGAS.

OS CRIMES ELEGANTES

(Continuado do n.º 18)

XI

Mulher na costa

O Simões abriu a porta.

Abriu a porta e recuou, um pouco surprehendido.

Deante d'elle estava uma rapariga formosissima, com uns olhos pretos enormes, negros como amoras e brilhantes como a azeitona quando sae da salmoira, os cabellos pretos como azas dos corvos que lhe esvoaçavam pelo arvoredado das suas fazendas, a cara branca, d'essa brancura baça e macia das corolas dos lyrios, que lhe perfumavam o seu mal amanhado jardim minhoto.

—Com sua licença, disse, entrando muito desempenada, com o seu ar gingado de hespanhola, sarcoteando-se muito sobre os quadris salientes.

—Entre, menina, entre, disse o Simões, percebendo, pelo hespanholado da pronunção, que era a mulher do seu trabalhador, a mulher do Sanchez.

—Eu sou a Concha, a mulher de Dom Sanchez, disse a rapariga com a sua *morgue* hespanhola, não esquecendo nunca o dom do seu marido.

—Ah! sim senhor, tornou o Simões muito embaraçado.

E sem reparar que já a tinha mandado entrar e que a mulher entrara já, repetia muito estúpido:

—Queira ter a bondade de entrar.

—O meu marido disse-me que viesse cá, que o senhor precisava de mim.

—Preciso, sim; elle disse-me tambem, isto é, eu é que lhe disse... titubiou o Simões, sem saber o que dizia, todo occupado a olhar para aquella mulher tão formosa, tão estranhamente bella com os seus fatos pobres, modestos, quasi andrajosos.

—Com sua licença, deixa-me sentar, sim, que venho muito cansada... o Sanchez disse-me que era coisa muito urgente, que viesse já, e eu vim a correr.

E sem esperar pela permissão do Simões, a Concha sentou-se n'uma cadeira, avançando sobre o sobrado muito limpo, amarello como gemmas d'ovos da sala do lavrador, o seu péssimo muito pequeno, calçado n'um sapato velho, meio roto, um sapato que parecia uma transição do chinello para o tamanco.

Mas esse pé, calçado n'uma meia ordinaria, mas muito branca, era tão bonito, tinha uma *coupe* tão graciosa, elegante, que o Simões ficou se um momento aparvalhado a olhar para elle.

Como o Simões não fallasse, não dissesse nada, a Concha, depois de d'scançar um bocado, affastando um pouco o chale comprido de franjas que, cruzado sobre os peitos amplos, altos e rijos começava já a affrontal-a e abanando-se com o seu *abanico* de papel, onde um Carmona muito vistoso matava um touro emquanto ao lado duas *majas* de chales encarnados e mantilhas negras dançavam a habanera, perguntou, fitando o velho lavrador com os seus olhos brilhantes como o sol.

—O que manda *us'ed* de esta sua criada?

—Eu não mando nada, ia a protestar muito delicado o Simões.

Mas reparando a tempo no que havia de inconveniente n'esta resposta, conseguindo dominar um pouco a sua perturbação e ter consciencia da sua situação, emendou logo:

—E' que eu vivo aqui sozinho com uma criada velha, que hoje me appareceu muito doente, que esta manhã me cahiu de cama, com uma pneumonia, creio eu, e vejo-me muito atrapalhado, porque não só não tenho quem trate de mim, quem me faça a comida, me cuide da casa, como tambem não tenho quem trate d'ella

—Sim, senhor, sim senhor.

—O sr. seu marido, o Sanchez, é que se lembrou de que a menina podia vir para cá estes dias, emquanto a velha não arriba.

—Pois não, com muito gosto. Onde está ella?

—Está lá em cima, no quarto.

—Posso ir vel-a?

—Pois não... Eu lhe ensino o caminho.

E o Simões, seguido pela Concha, atravessou todas as casas do pequeno andar até ao pé da escada que ia para o sótão.

Quando chegou ahi, o Simões, sem nenhuma idéa reservada, e unicamente por um instincto de delicadeza que a presença d'aquella mulher nova e bonita desenvolvera n'elle subitamente, parou e disse-lhe:

—Queira subir!

A Concha não pensou nem um momento em protestar contra a delicadeza do dono da casa, já pela sua posição de creada d'emprestimo, já por essa theoria burguez de moralidade, que estatuiu, nas regras de civilidade, que nas escadas os homens sobem adiante das senhoras, e, muito desembaraçada, trepon lentamente pelos altos degraus da ingreme escada.

O Simões seguiu-a, e sem querer, involuntariamente os seus olhos mergulharam-se nas indiscripções atrevidas que em cada degrau commettiam as saias muito curtas da hespanhola, redomoihando com os seus meneios salerosos.

E n'essas indiscripções o velho Simões ficou sabendo alguma cousa mais do que sabia, porque no fim de contas n'este mundo a gente aprende até morrer, ficou sabendo que a tradição que diz que as hespanholas usam navalha na liga, não é tão verdadeira como isso; se essa regra geral admittia excepções, a Concha era uma d'ellas.

E se toda a sciencia fosse tão agradável de adquirir como a que o velho lavrador adquirira ao subir a escada, todos os homens quereriam da melhor vontade ser sabios.

Chegada lá acima, a hespanhola dirigiu-se á cama da velha, que dormitava na madorna da febre.

Apalpou-a; a velha escaldava.

—Pobrecital disse a Concha compungida, tiene mucha calentura!

E voltando-se para o Simões, disse-lhe em voz baixa ao ouvido:

—Está muito mal, a pobrecital

O Simões, ao sentir junto das suas faces o halito quente da hespanhola, ao ver roçar pela manga do seu casaco o collo petulante da rapariga, ficou tão perturbado que nem ouviu o que ella lhe disse.

A velha, entretanto, tendo sentido na sua pelle ardente a fresquidão das mãos da Concha, sabira um pouco do seu torpor e des-cerrara os olhos.

—Aguai deem-me aguai disse ella.

—Quer agua, coitada! mas não se deve dar, não é assim? consultou a Concha, olhando para o Simões.

—Parece-me que não, pode-lhe fazer peor.

—Mas é preciso dar-lhe alguma coisa a beber...

—Sim.

—O que ha de ser? Não tem ahi chá frio?

—Não tenho nada, ainda hoje se não accendeu o lume cá em casa.

—E o senhor ainda não almoçou? perguntou a Concha com muito interesse.

—Não, mas isso é o menos, passo bem sem almoçar.

—Não, senhor... não é assim... Vou-lhe já fazer o almoço... Porque não me disse isso logo?

—Nada, nada, primeiro trate d'ella, coitada!

—Trata-se d'ambos ao mesmo tempo, disse a Concha, muito desembaraçada, muito serviçal, como mulher a quem o trabalho não assusta.

E debruçando-se sobre o leito da velha, disse-lhe com voz muito carinhosa, cuja doce inflexão fez estremecer o Simões.

—Tenha paciencia, coitadinha, espere ahi um bocadinho que eu vou-lhe arranjar agua para beber.

E voltando-se para o Simões, pediu-lhe:

—Agora diz-me onde é a cosinha, sim? e onde estão os arranjos.

—A cosinha é lá em baixo, ao pé do jardim, tornou o Simões.

—Então, vamos lá.

O Simões foi mostrar a cosinha á Concha e indicou-lhe onde estava a lenha, onde estava o carvão, onde estavam os preparativos para o almoço, tanto quanto elle sabia d'essas coisas. Algumas d'ellas tiveram de as procurar ambos, porque o Simões, que era o dono da casa, sabia tanto d'isso, como a Concha, que pela primeira vez lá entrava.

Mas essas buscas feitas a dois eram tão divertidas, a Concha tinha tanta graça a procurar, que, para o fim, o Simões, mesmo das coisas que sabia fugia, ignorar o paradeiro, só para ter o prazer de as procurar em tão boa companhia.

Quando a agua estava já a ferver para o chá e o pão miga-do para a assorda, a Concha disse ao Simões:

—Parece-me que estão a bater á porta.

—A bater á porta? não ouvi, respondeu o Simões, que se ficára na cosinha, sem lá ter nada que fazer.

—Então, então, eu lá vou. E' por aqui? perguntou a Concha, que ainda não estava bem senhora dos cantos da casa.

—E', mas eu lá vou, deixe-se estar.

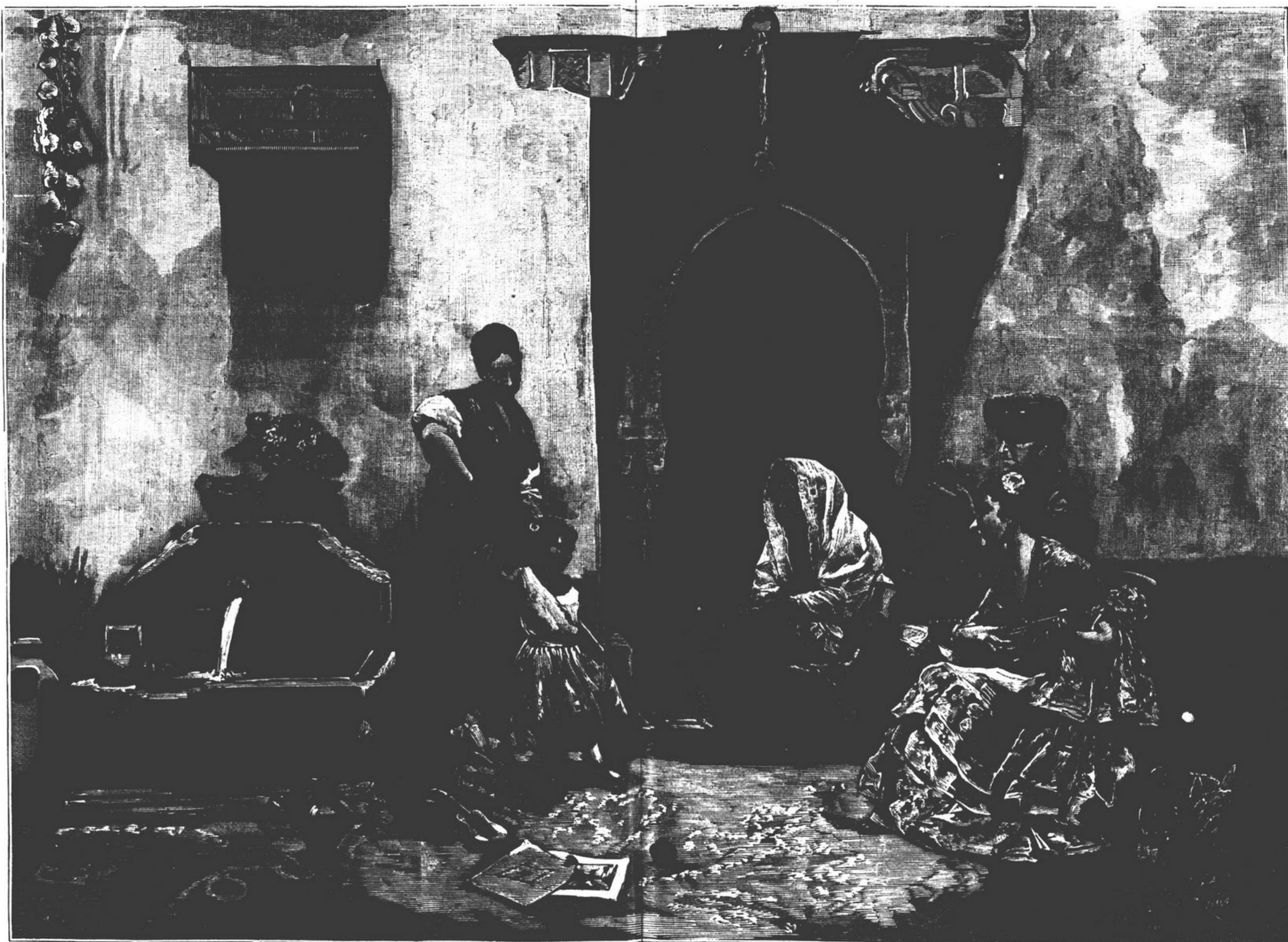
—Não, senhor, então o senhor é que ha-de ir abrir a porta?!

—Vou, vou, disse elle subindo a escada.

—Nada, vou eu.

E a Concha deitou a correr atraz do Simões.

E, sem consciencia do que fazia, brincando como um rapazi-



SCENAS ANDALUZAS - A LIÇÃO DE DANÇA

(QUADRO DE WORMS)

nho, o velho lavrador, mettendo-se-lhe em brios levar a sua ávan-te, abrir a porta, deitou a correr tambem.

E como duas creanças ao desafio, o Simões e a Concha che-garam ao mesmo tempo risonhos, e offegantes, á porta da rua, onde o medico estava já farto de bater sem que ninguém lhe abrisse.

(Continúa).

GERVASIO LOBAT.

TYPOS LISBONENSES

A chronica bohemia chama-lhe a Laura do marquez...

Os fastos galantes registram-lhe o nome; dizem-se cousas es-tupendas acerca da sua existencia, aparentemente votada a um trabalho de ferro, despedaçada pelo aspero conflicto da luta pela vida, mas no fundo, segundo affirmam os maldizentes, absorvida em uma facil e pouco honesta colheita de ouro...

Quando ella passa, com a sua pequena figurinha moderna, vibrante de nervos, com a sua poetica cabeça de andaluza, fais-cante de apaixonados ardores, com os seus cabellos annelados, negros como a noite, com os seus grandes olhos meigos, profun-dos como a eternidade, os homens voltam a cabeça.

Exhala-se de toda ella o entontecedor odor di *femmina*.

As mulheres seguem com um olhar, systematicamente desde-nhoso, sob o qual se occulta um bocadinho de despeito, a palpi-tação das rendas caras que lhe emmolduram o perfil esculpido em ambar, o ruge ruge dos setins, que lhe modelam a figura ai-rosa e *mignon*, a ondulação dos velludos que se lhe quebram nos hombros frageis, uns hombros de peccadora que não podem com o esmagador peso do peccado.

Ella apparece pouco, porque trabalha sempre, um trabalho incessante, que lhe rouba todas as horas, que murcha e desfolha a todo o instante as ultimas pallidas rosas da sua desflorida mocidade.

E' uma banida, votada pela moral ao Indice negro de que em vão se appella para a consciencia das massas, que é quasi sempre obtusa, ou para a piedade dos compassivos, que raro deixa de ser implacavel, e é ao mesmo tempo uma trabalhadora.

Ao longo de que estranha via dolorosa subiu esta Magdalena ao patibulo da culpa, que não logrou arrancar-a ás contingencias da pobreza, ao rehabilitador trabalho, que não conseguiu salvar-a da macula do peccado?...

Um romance banal, para aquelles que procuram no romance o acre sabor do escandalo, de que Catulle impregna as suas no-vellas sensuaes.

Uma historia velha, mas sempre nova, para aquelles que es-tudam na vida a amarga philosophia dos desilludidos.

Um dia, ha quinze annos, vivia em um canto remoto de uma provincia, apenas conhecida pela excellencia dos seus melões e pela belleza estranha das suas mulheres, uma rapariguinha obs-cura e pobre, sustentando-se honestamente, dos pontos da agulha, e alimentando, ignotamente, no seu coraçãozinho romanescce, o sonho vago de um amor indefinido.

Uma tarde, houve festa na aldeia.

Margarida foi á kermesse, e Fausto, inspirado pela voz de-moniaca de Mephistopheles, segredou-lhe ao ouvido essa pertur-badora palavra que resume para a mulher, passado, presente e futuro:—amo-te!

Gretchen acordou, sonhando ainda...

O luar inundava-a com a sua doce luz tremula e suggestiva, a noute dizia-lhe pelos labios das flores, pelo murmurio das fon-tes e pela scintillação dos astros, o poema inebriante da juven-tude.

A natureza, tão boa e ás vezes tão perversa, envolveu-a na sua longa caricia irresistivel.

O tentador fallou, e a voz do bem amado pareceu-lhe o glo-rioso cantico de um archanjo, descendo do azul ethereo de um céo, ardentemente fantasiado.

A palavra do destino resoára imperiosa e dominadora.

Ella curvou a cabeça e obedeceu-lhe.

Quando verdadeiramente despertou do seu pobre sonho mal-logrado, achou-se, como a lendaria Margarida de Goethe, no fundo de um abysmo, perdida na insondavel treva de um cobarde aban-dono.

Fugiu para Lisboa, como fogem todos os condemnados; en-trou, desamparada e lacrimosa, no medonho combate da vida, co-mo entram todos os desprotegidos.

A miseria, symbolo da perdição, aguardava a, estendendo-lhe os braços esqualidos, sugando-a com os seus beijos de vam-piro.

Bateu a todas as portas e pediu trabalho.

Sucedeu que a capitosa seducção da victima, fez, porém, de cada homem que ella implorou, um seductor.

A sua debil organização succumbiu na luta.

A fome mordeu-lhe os labies, crestados pela febre, gelou-lhe o sangue, envenenado pela dôr.

E o primeiro que appareceu, n'esse lugubre momento psy-chologico que decide do destino de uma pobre mulher abandonada e mortalmente desilludida, foi acolhido como um salvador eme-rito, quando elle não era mais do que um corvo faminto.

O pseudo salvador pertencia á eterna raça dos egoistas, que supprimiram o coração, e á dos avarentos que escondem cautelo-samente o *porte-monnaie*.

Mas a ausencia de sensibilidade e a falta de dinheiro, não obstaram a que o senhor fosse um tyranno e a que a victima fos-se uma escrava.

E eis ahí porque ella trabalha, emquanto as outras se diver-tem, e eis porque os seus esguios dedos, estrellados de brilhantes, teem um calo, feito pelo attrito do aço de uma infatigavel the-soura.

O marquez, um velho, que conhece um pouco o seu triste ro-mance, orvalhado de lagrimas, dedica-lhe o affecto paternal, o cul-to platonico, que o duque votava a Margarida Gauthier.

Radiante de mocidade, finamente elegante na sua *robe de chambre* de pellucia côr de ouro, espumada de rendas, leve como um passarito que vai levantar o vôo, a incomprehendida tem no olhar a tristeza infinita, contra a qual a sua postiga e effervescente alegria de bohemia se debate em vão, como se quebram as on-das, debatendo-se contra o granito dos rochedos.

E n'esse doido coração, estampilhado por um fresco molho de violetas de Parma e pela divisa: «*Entrez, messieurs, s'il vous plait*»; n'esse estouvado coração, onde a vida parece ter synthe-tisado toda a sua exuberancia, todos os seus jubilos, todos os seus delirics, todas as chammas da paixão e todos os filtros do prazer, existe ha muito... a morte!

GUOMAR TORREZÃO.

POEMETOS EM PROSA

III

O sol da meia noite

Este titulo—*O sol da meia noite*—parece um absurdo, não é verdade? A' primeira vista, este capricho de fazer apparecer o sol quando a meia noite acaba de bater, equivale a fallar das estrel-las do meio dia.

Pois, meus ricos senhores, estão muito enganados se acaso classificam de absurdo o titulo d'este pequeno poemeto em prosa, escripto ás 2 da madrugada entre a fumarada azulinia d'um ci-garro hespanhol e um pequeno calice de madeira, este bello, es-te precioso vinho côr de cachimbo requeimado.

Déem-me um bocadinho d'atención, se querem conven-cer-se.

A noite estava escurissima. Na curva do ceu nem uma es-trella, nem uma fulguração argentina de luar. O vento ia cho-rando o seu responso fonerario e lugubre, arrancando soluços despedaçados, esguedelhando a cabelleira negra dos salgueiros, que pendiam sobre as aguas, lacrymosos e tremulos.

Eu tinha entrado em casa, havia pouco tempo. Sentára-me a ler uma deliciosa elegia de Gautier, e acabára de ler estes dois versos:

«Et toute jeune fille est comme son miroir,
«Qui reçoit chaque image et n'en conserve aucune,»

quando o meu relógio, velho traste do imperio, balbuciou com um timbre d'ouro, sonoro e cadenciado, as doze horas da meia noite.

Meia noite: que tristeza e que escuridão!

De repente, senti um pequeno rumor na minha escada.

Levantei-me da minha cadeira e fui ver quem era. Fui ver quem era e vi um grande sol: vi os cabellos loiros da minha Amada!..

IV

A vizinha

Levantei-me hoje com tenção de fazer uns versos, um peque-nino romance cujo sentimento resaltaria do engaste dos meus decasyllabos castigados, onde eu empregaria as rimas mais irri-antes, os adjectivos mais coloridos.

Achando muita originalidade na minha ideia, fui sentar-me á meza de trabalho, dispondo-me para começar a minha obra.

Que alegria immensa! No meio do meu entusiasmo fiz logo o projecto de publicar esse pequeno poema n'uma bella edição de caracteres elzeverianos, em papel Japão, com vinhetas encan-tadoras e o titulo impresso a vermelho. Como eu confiava no meu

trabalho, que fugitivas chimeras que eu formei! O livro havia de fazer successo, a edição esgotar-se-ia, os meus inimigos haviam de ficar despeltados com esse triumpho, e quando eu fosse a passar pela rua, havia de ser apontado como uma notabilidade, como o auctor d'uma obra notavel.

Hallucinado de contentamento, dispunha-me já a escrever o primeiro verso, quando reparei que não tinha luz. Então agarrei vigorosamente na minha meza e transportei a para juncto da janella.

Desdobrei uma larga folha de papel, e estava para começar a escrever, quando olhei para as janellas do predio visinho.

Invisivelmente, a penna cahiu-me dos dedos, e sem já me lembrar dos meus amados versos, puz-me a olhar, cheio de imbecilidade, para o janella fronteira, onde resplandeciam com toda a sua belleza os dois olhos negros da minha visinha.

Ella, apenas me viu, sorriu-se com um bello sorriso escarlate, e desapareceu.

Então quiz começar a minha obra, mas foi-me impossivel. A encantadora visinha desorientou-me completamente, e por mais esforços que empregasse, não consegui escrever um só verso, uma só palavra...

V

A pregadeira

Ha precisamente uma semana que eu fui visitar o teu quarto, esse pequenino museu, cheio de pequeninos *nadas*. Minuciosamente, devagarinho, como um colleccionador, examinei todo esse adoravel mundo de bugigangas. Em frente do teu leito, velado pelas cortinas brancas de renda, tive um pequeno estremecimento, ó minha doce, ó minha carinhosa, ó minha inegalavel amiga! Examinei o teu espelho de Veneza, as porcellanas do teu lavatorio e a toalha de bretanha onde costumas enxugar a tua fronte rosada como um pecego e as tuas mãos pallidas de marfim.

Contemplei tudo isso, sem dizer palavra.

Mas ao passar juncto do teu toucador, vi uma pregadeira de velludo escarlate, em forma de coração, e, n'esse momento, senti uma agonia suffocadora.

E senti essa agonia, porque me lembrei que assim como os alfinetes dilaceram essa pobre pregadeira, esse pobre coração de velludo escarlate, assim tambem os teus desdens,—esses alfinetes agudissimos, dilaceram e rasgam o meu coração...

EUGENIO DE CASTRO.

PENSAMENTOS E APHORISMOS

Tanto vale o homem, tanto vale a mulher; tanto vale a mulher, tanto vale o amor; tanto vale o amor, tanto vale a vida; tanto vale a vida, tanto vale a morte.

Não ha sabio nenhum a quem a mulher não possa dizer com razão: «A sciencia sou eu.»

A mulher mais formosa do mundo só pôde dar o que tem.— Quem disse tal?—Dá muitas vezes o que não tem: o amor.

Para a mulher, o amor é o amor; para o homem, a curiosidade.

E' geralmente sabido não serem es espiritos superiores os que melhor figura fazem nas salas. Não julgando os outros tão imbecis, malogram. Com os zamorados succede frequentemente o mesmo: perdem-se por julgarem as mulheres—menos Evas—do que ellas na realidade são.

O amor, no coração da mulher, é o diamante no carvão. Encontra-se n'elle o fogo, a morte e a luz.

O homem vê tão claramente atravez das suas paixões, como o corcel espavorido que corre á desfilada em noite escura, sem governo, e que, ferindo lume nas pedras do caminho, só faz luz para os outros.

AS NOSSAS GRAVURAS

DANIEL WILSON

Daniel Wilson, genro de Grévy e socio de Caffarel, da Limousin e da Ratazzi em empresas pouco limpas, é um homem muitissimo intelligente, e dotado de fino espirito.

Pouco mais tem de 47 annos.

Seu pae, mr. Wilson, o primeiro introductor do gaz na França, legou-lhe uma fortuna importante. O sr. Casenave, antigo presidente do tribunal de 2.^a instancia, seu tio, despertou n'elle o gosto pelo estudo. Nascido em Paris em 6 de março de 1840, entrou na camara, eleito deputado, em 1869, como candidato independente, pelo circulo de Loches, depois d'uma lucta desesperada contra o candidato official.

Citavam-n'o, quando era rapaz, pela sua barba hirsuta, um pouco na fórma de leque, e pelos seus conhecimentos financeiros em que era notavel.

Durante a guerra, commandou um batalhão movel. A 8 de fevereiro de 1871, foi reeleito deputado por Loches, alcançando 31:302 votos, e tomou assento na esquerda da camara.

O seu republicanismo accentuou-se muito notavelmente, durante a dupla crise da Ordem moral.

Em 1881 desposou Wilson mademoiselle Alice Grévy, filha do ex-presidente da Republica, e d'ali em diante tornou-se o conselheiro mais considerado de seu sogro.

Wilson é hoje deputado pelo departamento de Indre-et-Loire.

O desejo de enriquecer arrastou-o na vertigem dos negocios, levou-o a jogar na Bolsa, onde ganhou e perdeu muito, e, ultimamente, a traficar em condecorações com a Limousin e o general Caffarel, valendo-se para isso da sua posição junto da presidencia da Republica.

Sogro e genro soffreram as consequencias inevitaveis d'estes desatinos.

Grévy teve de demittir-se e Wilson é um homem perdido.

JULIO GRÉVY

Os ultimos acontecimentos produzidos em França desde a revelação dos escandalos Caffarel-Limousin-Wilson, levaram Julio Grévy a abandonar a presidencia da Republica, logar que occupava desde que o marechal de Mac-Mahon renunciou ao exercicio de tão elevado e honroso cargo, em janeiro de 1879.

O ex-presidente conta hoje 76 annos, mas é ainda um homem vigoroso e agil.

Julio Grévy fez os seus primeiros estudos no collegio de Paligny (Jura), então dirigido pelo abbade Repit, que o cedeu mais tarde aos jesuitas, quando estes fundaram o collegio de Dôle. Grévy era excellente discipulo, e tão applicado, que o escolheram para dirigir a classe.

Foi seu professor de rhetorica mr. Gauthier, um dos homens mais distinctos e unico pratico entre os professores do collegio.

Julio Grévy casou com uma filha do fallecido Fraisse, um dos negociantes mais acreditados de Nancy. Ajustou este casamento quando abriu o seu escriptorio de advogado em Paris. No anno de 1836, foi do numero dos que se apresentaram no tribunal dos pares, para defender os accusados de abril.

Em 1878 jurou a constituição na qualidade de representante do povo. N'essa epoca, foi elevado á dignidade de vice-presidente.

Membro da legislativa, foi preso em 2 de dezembro e desterrado. A partir do dia 4 de setembro, começou a representar um papel mais importante.

Nenhum homem publico, em França, foi mais respeitado por todos os partidos do que elle, pela sua honestidade inconcussa e pelas prendas do seu caracter integro e sympathico.

Mesmo os que hoje pediram a sua demissão, levados a isso pelos actos incorrectos de Daniel Wilson, reconhecem que Grévy procedeu sempre com honra no desempenho do seu alto cargo, tendo apenas o defeito de ser muito aferrado aos proventos do logar de presidente.

Foi o amor d'esses proventos que o levou ao errado passo de aceitar a reeleição em 86.

A photographia encarrega-se de popularisar a physionomia de Grévy: na cabeça, em grande parte calva, a lvejam-lhe os ca-



1667

MODAS

bellos; a figura é grave e talvez demasiadamente séria para um francez.

Como homem de sociedade, Julio Grévy não conserva em publico a mascara de severidade republicana, que durante tantos annos manteve presidindo á camara dos deputados. N'uma sala, entre pessoas de intimidade, mostra-se prasenteiro.

Esta figura rigida, anima-se, conversa, torna-se folgasão e diverte-se tanto como qualquer outra pessoa. Diz-se que joga perfeitamente o bilhar e o whist, e que, tendo uma espingarda Lefaucheux na mão, ninguém o excede á caça.

Seu paé, abastado proprietario dos arredores de Dôle, mostrava já grande predilecção por este divertimento.

O ex-presidente da Republica franceza tem dois irmãos: um d'elles é general, e o outro, M. Albert Grévy, procurador do tribunal da 2.ª instancia.

Quando se perguntava ao pae de Grévy: tem tres filhos? o velho respondia:—Não; tenho tres caçadores.

Aquelle de que nos occupamos hoje especialmente, é um Esau consumado. Todos os annos, durante as ferias parlamentares, costumava partir para o campo, a fim de se entregar aos exercicios venatorios.

Grévy tem uma filha unica, senhora distinctissima e da mais apurada educação, casada com o deputado Wilson.

Em 1855, quando era ainda menina, seu pae mandou-lhe fazer um vestuario proprio para a caça. Era um gosto ver a suprema elegancia com que ella punha a busina a tiracolo e apontava uma espingarda.

*

Julio Grévy foi presidente da republica franceza desde 30 de janeiro de 1879.

SCENAS ANDALUZAS—A LIÇÃO DE DANÇA

(QUADRO DE WORMS)

Offerecemos hoje em brinde aos nossos leitores a reproducção de um quadro do afamado pintor francez Worms, para quem a Hespanha, e especialmente a região andaluza, é um manancial inexgotavel de impressões dignas de serem transmittidas á tela por um pincel tão habil como o d'elle.

Worms conhece como poucos os assumptos hespanhoes. As casas de Granada, com as suas reminiscencias arabes; os pateos de Sevilha, com os seus canteiros coalhados de flôres; o classico trajo andaluz e as mulheres de cutis donrada e cabellos negros d'azeviche, são os elementos de que geralmente se serve para compôr os seus quadros, que piimam todos pela naturalidade.

A lição de dança é uma das melhores telas do famoso artista.

MODAS

Damos hoje um esplendido modelo de um chapéu redondo, em feltro lontra, com a aba muito prolongada na frente, forrada de velludo da mesma côr. Guarnece a copa, de fórma sensivelmente baixa, uma fita larga, lavrada. Enfeita o chapéu, na parte inferior, um grande laço de fita de velludo lontra, picot.

De um molho de plumas sae uma ave; termina o enfeite um penacho lontra, collocado no lado esquerdo, na parte inferior da copa.

EGREJA DA TRINDADE, NO PORTO

Este magnifico templo, representado na nossa gravura, está situado no largo da Trindade. A' antiga ordem de S Domingos, extincta em 1762, em consequencia dos muitos pleitos que se levantaram entre ella e os frades, succedeu outra, sob a invocação da Santissima Trindade, que foi installada na capella da Senhora da Batalha, no anno de 1783, e transferida, em 1787, para a igreja do Calvario, junto ao Campo dos Martyres da Patria. A ordem nascente impetrou e obteve licença, por beneplacito regio da senhora D. Maria I, em 1781, para fundar a seu igreja.

Foi lançada a primeira pedra em 1803, por mãos do bispo D. Antonio de S. José, principiando-se, em 1832, a capella mór.

A construcção, tanto interior como exterior, é esbelta e elegantissima. A igreja da Santissima Trindade, é o maior e mais bello templo do Porto.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charadas

Não será precisa uma arma—2.
Para matar a charada.
Basta procurar caminho,—2.
P'ra logo ser decifrada.

O conceito
Qu' aqui dou,
É' uma ave.
—Decifrou?

Castello Branco

ANTONIO M. CHURRO.

Animal—1
Animal—2
Animal.

Vegetal—2
Mineral—1
Animal.

PETIT DIABLE.

(Retribuição ao eminente charadista, MATHEUS JUNIOR)

Mil e quatro lettrinhas no emigma,
Meu leitor, decifral-o não intentes,
Porque ainda aqui debes reparar,
Que todas, todas ellas são diff'rentes.

Porém, bem resumidas,
Sómente cinco são,
Se o queres decifrar,
Lé com muita attenção:

Em primeiro logar supprime a lettra
Que na *palavra* vés, mas com destreza;
Depois, lendo ás avessas, acharás
O que vés n'este verso com certeza.

Tira a lettra que se segue,
Se ás avessas fôres ler,
E fica certo, bem certo
Que has-de no teu corpo ter.

Agora, lendo tambem como é costume;
Isto é, como pessoas illustradas,
Um capitão, segundo *J. Roquette*,
Has-de encontrar. Que lettras delicadas!

Vá, supprime em seguida
A lettrinha seguinte;
Lé d'um e d'outro lado,
T'rás verbo por acinte.

As letras supprimidas, charadista,
Por ordem collocadas, a seguir,
Assim mesmo ou com pouca alteração,
Dão uma sementinha. Não val rir.

Ponhamos outra vez
No seu proprio logar
As letras. N'outros termos
As vamos transformar.

Passa p'ra o fim a letra do principio,
Porém, não te perturbes nem confundas;
Um parentesco tens, lendo ás avessas.
Que enorme confusão!... Que barafundas!...

Paremos. O conceito
Sómente falta dar.
Isto já é massada
Queiram pois escutar:

E' na Asia, sim, é na Asia que me vêem!
Reparem no Himalaya, no Altai, sim!...
E Kuenlien reunidos, vejam bem
Que o busillis do enigma ahi tem fim!...

Covilhã.

ANTONIO R. BRANCAL.

Logogripho

MYTHOLOGICO GEOGRAPHICO

Offerecido ao inclito charadista, o sr. Antonio Marques Guedes,
de Vizeu, a quem dou os meus:

- Cidade de Africa com mais um... 3 6 2-11
- Filho de Piéro com mais um... 10 6 4 7-6 12 9 8
- Sobrenome de Mercurio com mais um... 1-6-4 7 9-11
- Itha da Europa com mais um... 7 2-12-6 4
- Rio d'America com mais um... 11 8 11
- Filha de Tiresias com mais um... 3 12-9-11
- Filho de Jupiter com mais um... 2 7 11
- Rei da Porygia com mais um... 3 6-1 4
- Região da Grecia com mais um... 8 11-7-6-4-4
- Sobrenome de Cybele com mais um... 1-3 6 4
- Filha de Aristes com mais um... 3-2-7-6-5
- Cunhada do Hecuba com mais um... 12-9-8-6-2
- Filho de Semele com mais um... 4-7-7-10-11
- Monte d'America com mais um... 2-12-1 5
- Divindade fabulosa com mais um... 11-1-4 7 11
- Rio d'America com mais um... 4 3-2-5-11 12-4

Filho de Niobe.

Santa Comba Dão.

A FRANCO.

Decifrações

DAS CHARADAS: - Ganhaperde—Adolia—Aralia—Ceres—Barata—Macaco—Manometro—Macoco—Mangle—Canada—Arato.
DO LOGOGRIPHO: - Marcoiog.

A RIR

Uma mulher do povo, derramando lagrimas no seio de uma
sua vizinha, que se esforça em consolal-a:

—Sim, sei muito bem que se deve bater n'uma mulher...
mas não todos os dias!

Definição de grito:
«Ruido desagradavel produzido por um esforço de garganta,
pelo qual os grandes cantores recebem muito dinheiro, e as creanças simplesmente alguns açoites.

UM CONSELHO POR SEMANA

TINTA PRETA DE ESCREVER

Noz de galha pisada.....	360	gram.
Sulphato de ferro.....	160	"
Campeche.....	40	"

Ferve-se em: quantidade de agua bastante, cõa-se, e junta-se
ao liquido:

Assucar.....	160	gram.
Gomma arabica.....	160	"
Anil em pó.....	10	"
Sal ammoniaco.....	6	"
Essencia de limão.....	1,20	"
Essencia de lavande.....	3 60	"
Acido acetico.....	10	"
Cyanureto de potassio.....	5	"

A FILHA DO PESCADOR

Ficava fronteira á praia a casa da Anninhas, a filha do pescador. A gentil rapariga podia rever no espelho prateado das ondas a sua formosura picante.

A colonia de pescadores não era muito numerosa na praia do Fogo; mas em compensação, era muito activa. Pela manhã, quando os barcos se faziam ao largo, levando as companhas completas e as redes concertadas, ficavam estendidas a seccar, ao longo do areal, a s redes da vespera. Velhos pescadores, cançados, tostados do sol e curtidos da agua salgada, com o cachimbo de gesso ao canto da bocca, cosiam philosophicamente as malhas caidas.

As raparigas auxiliavam as mães nas miudas operações do ménage e habilitavam-se assim para o futuro a serem, por sua vez boas donas de casa.

A Anninhas era uma das mais guapas, mais trabalhadoras e mais intelligentes raparigas do logar. Era a providencia do lar, porque o pae era viuvo, e ella desempenhava com os irmãos o papel de mãe carinhosa. E eram tão traquinas os pequenos!

—Jesus! Estes rapazes fazem-me doidal exclamava ella nos seus momentos de impaciencia, distribuindo fraternalmente e com suprema egualdade cachações sobre todos elles.

E os endiabrados garotos, saltavam pelas janellas de um metro d'altura, fugindo a bom correr na direcção do mar, sobraçando os seus navios microscopicos, com que se entretinham.

Mas no fundo do seu intenso amor fraterno, a Anninhas adorava-os. Quando algum adoecia era a sua enfermeira solícita, e tanto os curava com os classicos remedios de cõsinha, como com as suas meiguices e os seus beijos. Era por esse motivo que lhe obedeciam, como se fõra á propria mãe; e tinham pela irmã um respeito cheio d'amor.

Contava a Anninhas apenas dezeseis annos d'idade, mas os cuidados da casa, os problemas economicos que era necessario resolver diariamente, quando o pae não trazia dinheiro, o capricho que punha em trazer sempre os irmãositos fartos e lavados, haviam feito d'ella uma mulher decidida. E era curioso ver a sua juvenil cabeça inclinar-se pensativa como a de uma mãe de familia.

Este modelo de raparigas não podia passar despercebido n'um meio tão restricto em que as virtudes domesticas eram tão apreciadas. A admiração passou das mulheres aos homens, contando-se em primeira linha, com o legitimo admirador do seu thesouro, o pae da Anninhas.

—Não a troco nem por um reinol dizia o bello homem na unica taberna do logar, empunhando, em noites de frio, uma caneca de barro com aguardente e melação.

—E' verdade, Zé-Paiol, confirmavam os outros pescadores; podes-te gabar de que tens uma filha de truz!

E por isso o Zé Paiol tinha a altivez de um leão, quando se tratava da sua linda Anninhas.

Havia na companha a que pertencia o pae da Anninhas, um mocetão que era uma flôr. Alto, robusto e meigo. Chamavam-lhe o Joaquim Engeitado, porque ninguem sabia dizer quem eram os paes. O rapaz fôra encontrado de noite, abandonado na estrada. Contava então um anno d'idade; e o pescador que o recolhera, por mais diligencias que fez, nunca conseguiu descobrir a sua origem.

pae da rapariga, que ella lhe fazia muita falta em casa e que esperasse mais tres annos.

Esta conversação passou-se diante do Joaquim, que ficou petrificado.

Não havia tempo a perder, e o excellente rapaz principiou secretamente a fazer a cõrte á Anninhas, que correspondeu com todo o fogo da sua organização sanguinea. Em breve uma verdadeira paixão se apoderou d'ambos, e quando o pae o soube, quiz, n'um momento de colera, desfazer com pancadaria os dois namorados. Mas conteve-se, porque a filha lhe disse:

—Meu pae quer casar-me, contra minha vontade, com o filho do Lucas; mas não pensa que eu tinha de sair d'esta casa; emquanto que, se casar com o Joaquim, como somos pobres, fico aqui, digno-lhe a casa do mesmo modo,

Não havia que replicar. O pae abaixou a cabeça e apenas murmurou:

—Aquelle sonso do Joaquim, sempre me saiu uma prenda!

E' certo que o homem pôe e Deus dispõe. Em uma noite tremenda em que se tinha repentinamente levantado um temporal desfeito, andavam sobre as aguas do mar, confiados a resistencia do fragil barco de pesca, o pae da Anninhas, o Joaquim Engeitado, seu noivo, o Lucas pae e filho e ainda outros infelizes.

Os relampagos succediam-se com uma rapidez sinistra e as descargas electricas vibravam em ondas sonoras como o troar de uma artilheria gigantesca.

A pobre Anninhas, gelada a prece nos labios, tinha accendido duas velas diante do oratorio, e rodeada dos irmãosinhos erguia as mãos supplicantes para as imagens impassiveis.

Esta angustia durou até á meia noite, hora a que a tempestade amainou.

Quando a pobre, um pouco mais tranquilla, sentia entrar-lhe no peito a esperanza, ouviu passos precipitados na rua e de subito baterem-lhe á porta.

Vouu a abrir.

Um rapaz dos seus vinte annos, medonhamente livido, ferido e esfarrapado, escorrendo agua, entrou com ar desvairado. Era o filho do Lucas, o tal que ella regeitára.

A Anninhas só teve para elle esta pergunta em que lhe ia a alma:

—E meu pae? E o Joaquim?

O rapaz agarrou-se aos moveis para não cair, tal era o estado de entontecimento e fraqueza em que se achava, pela lucta titanica que vinha de sustentar com o mar, e respondeu:

—Morreram! Só escapei eu, por um milagre.

A Anninhas deu um salto para traz como uma panthera ferida, e com os olhos esgazeados precipitou-se para a porta da rua, que ficára aberta, correndo como louca em direcção á praia. Ali, só encontrou, rolando na areia, o fragmento do barco, sobre o qual o filho do Lucas se salvara; e erguendo com desesperação os braços ao céu, rasgava o ar com as suas lamentações.

—Tu não ficas desamparada, disse-lhe de subito o rapaz, que a seguira; eu estou aqui para casar contigo.

A Anninhas, com esse poderoso instincto da mulher, sentiu por detraz d'aquellas palavras um crime, e caminhando para o joven pescador, como que inspirada, exclamou:

—Ah! malvado! foste tu que mataste o Joaquim! Leio-te o crime nos olhos. Nunca casarás commigo.

Por uma ironia da natureza, tinham-se dissipado algumas nuvens e a lua jorrava os seus pallidos clarões sobre esta scena lugubre.

O pescador, cheio de raiva e dominado pela sua má indole e pelo ciúme, respondeu:

—Pois bem, fica sabendo que me salvei mais o Joaquim, em cima d'aquelle pedaço de pau, quando o barco abriu ao meio; mas se eu não o alijasse, a estas horas estavas tu nos seus braços e eu a ver navios.

A Anninhas tinha os olhos dilatados pelo espanto, diante d'aquelle hemem tão novo e tão perverso. E foi com um grito rouco que lhe perguntou:

—O que lhe fizeste então?

—Oral tornou elle com repugnante sangue frio. Dei-lhe com um pedaço de cabo, que estava amarrado na proa, tamanha pancada na cabeça, que elle perdeu os sentidos e desapareceu para nunca mais o tornares a ver.

O choque moral produzido por esta resposta foi tão grande, que a pobre rapariga correu como louca para o mar, exclamando:

—Talvez ainda o encontre com vida!...

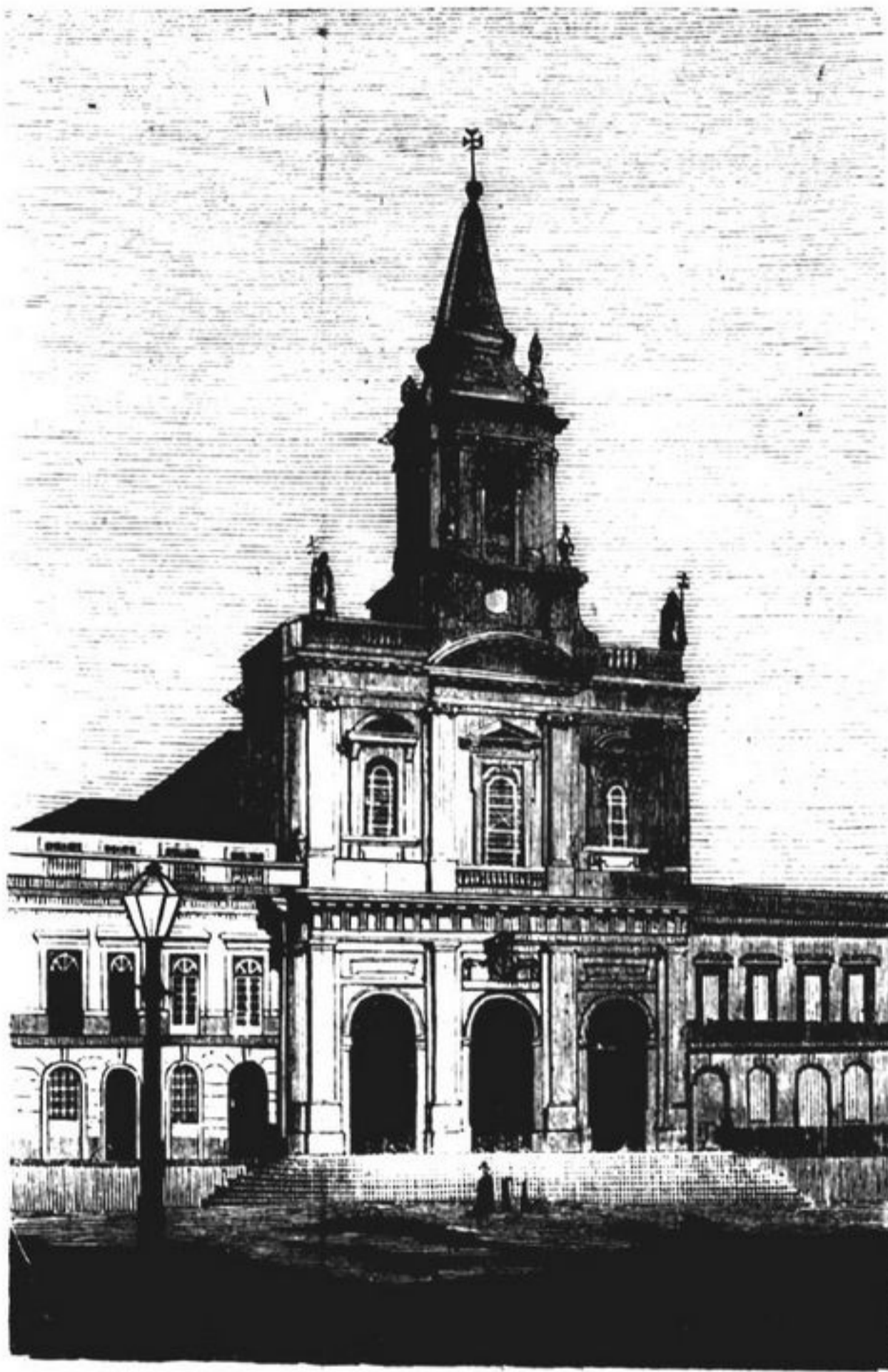
E á claridade baça do luar, principiou a percorrer a praia, como a imagem da afflicção, sondando com o olhar as ondas que vinham, rolando, lambe-lhe os pés.

Nunca mais ninguem a viu.

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de proprieuade litteraria e arttstica



EGREJA DA TRINDADE, NO PORTO

Como é facil de suppor, o Joaquim não foi tratado com esse carinho especial, que só possuem as mães verdadeiras, e por isso o esforço de intelligencia que empregou para se subtrahir ás pancadas que lhe ferviam sobre o espinhaço á menor irregularidade, deu em resultado fazel-o sobresahir muito acima do nivel dos seus companheiros. Pelo mesmo motivo, se lhe desenvolveram as forças phisicas.

Era, pois, um bello rapagão de vinte e quatro annos, perspicaz e habil na sua arte, e ao mesmo tempo dotado d'essa melancolia doce dos engeitados.

Não lhe podia escapar, de certo, o quanto valia a Anninhas, e já ha muito que pensava n'ella; mas achando-a muito joven ainda e portanto insensivel a uma inclinação séria, isto é, apaixonada, teve a prudencia de esperar que a natureza completasse a sua obra. Ao mesmo tempo, não desejando indispor-se com o pae d'ella, que lhe dava pão a ganhar, occultou os seus pensamentos.

Um acontecimento imprevisto, poz termo a estas hesitações.

Um dia, um pescador já velho e que tinha barco seu, propoz ao pae da Anninhas o casamento d'ella com o filho. Respondeu e